

“Estamos determinados a atrair a base offshore, temos que insistir nesse objetivo e não depender apenas da Petrobras



Vicente do Vale
COORDENADOR DA CÂMARA SETORIAL
DE PETRÓLEO E GÁS DA ASSOCIAÇÃO
COMERCIAL DE SANTOS

industria@atribuna.com.br

Indústria

Mudanças na legislação que desobrigam a Petrobras a ser principal operadora do pré-sal estimulam investimentos do setor privado

1,25 bilhão

de dólares foram obtidos pela Petrobras com a venda de bloco, onde está o campo de Carcará, para a petrolífera norueguesa Statoil

Atração de fornecedores

A instalação de uma base offshore, que presta serviços de manutenção e abastecimento das plataformas, é importante para a região porque atrai para seu entorno vários fornecedores do setor de petróleo.

Região renova luta por base do pré-sal

Entrada de gigantes petrolíferos privados no pré-sal amplia chances da Baixada Santista de ter unidade de referência para operações

MARCELO SANTOS
DA REDAÇÃO

Mudanças na legislação do petróleo, na política do governo para a área e na condução da Petrobras deram novo gás às lideranças da Baixada Santista que tentam atrair para a região uma base offshore para atender a Bacia de Santos. A meta é alavancar outros segmentos da economia, como prestação de serviços e indústria.

Membros da Câmara de Petróleo e Gás da Associação Comercial de Santos (ACS) decidiram renovar as esperanças de que a descentralização da produção de petróleo e gás na costa poderá viabilizar finalmente a instalação da base.

A Petrobras continua como a grande petrolífera da Bacia de Santos, mas a empresa não é mais obrigada a assumir todas as operações. Isso abre espaço para o avanço de outros gigantes mundiais do setor, como Shell, a norueguesa Statoil e as chinesas Cnooc e Sinopec.

A estatal também adotou uma política de desinvestimento, que é abrir mão de ativos menos rentáveis ou não estratégicos para seu foco operacional. A empresa já vendeu a Li-quigás, subsidiária de GLP, e planeja o mesmo para a BR Distribuidora e refinarias.

A Petrobras também vende participações em blocos de exploração, como é o caso do bloco BM-S-8, onde está o campo de Carcará e que foi negociado com a Statoil por US\$ 1,25 bilhão.

Além disso, o Governo Michel Temer sinaliza reduzir a presença do Estado na economia, o que abre espaço para a iniciativa privada crescer no setor de petróleo.

O coordenador da Câmara da ACS, Vicente do Vale, afirma que visitou bases offshore de outras regiões e que são negócios que dependem de pouco espaço e investimentos. A de Macaé, diz ele, tem apenas 85 mil metros quadrados.

Segundo os membros da câmara, há redução das operações nos terminais do Porto de Santos, o que viabiliza a instalação da base. Por outro lado, existe a tendência do acirramento da concorrência com outros portos, como Pecém (CE), Suape (PE), Vila do Conde (PA) e Açú (norte fluminense).

No ano passado, a Petrobras lançou um edital para contratar um prestador de serviço nessa área, mas não surgiram interessados. A explicação disso está no baixo retorno para um investimento elevado em um



Plataforma de petróleo em alto-mar: estatal desacelerou investimentos no pré-sal e passou a vender blocos de operação na Bacia de Santos, o que deve atrair outras operadoras

Preço do barril

O Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (IBP), entidade que representa as empresas do setor, alerta que a queda dos preços do petróleo torna a competitividade (custos e preços baixos) de extrema importância para o segmento no País. O IBP considera que o Brasil tem grande potencial de desenvolvimento de reservas, mas a viabilidade econômica dessa exploração depende da redução de custos, em especial da produção marítima. O barril do petróleo no momento está a US\$ 48, em alta devido à expectativa de que os principais produtores definirão cotas para limitar o excesso de oferta. Em 2013, o barril estava acima de US\$ 110. A alta do petróleo é importante para o Brasil, porque a extração em águas profundas é muito cara. A Petrobras, porém, tem obtido baixos custos nos poços mais produtivos.

porto disputado como Santos. Agora, com a crise e o novo governo, as circunstâncias mudaram. E talvez as chances da instalação da base também tenham aumentado.

“A questão não é os investimentos dos governos (para a base), mas fomentar a iniciativa privada”, afirma Vale. “Apareceram novos players (empresas privadas de petróleo), nos-

sa região tem infraestrutura pronta e o investimento em uma base não precisa ser elevado”, conclui.

Segundo Vale, a câmara da ACS pretende fazer um documento e enviar para os governos municipais, Estadual e Federal para estimular investimentos da iniciativa privada no mercado de petróleo, inclusive a base de apoio ao pré-sal.

Crise esfriou interesse na região

■ A última reunião da Câmara Setorial de Petróleo e Gás da Associação Comercial de Santos (ACS), na segunda-feira, contou com a participação de representantes do InvestSantos e do Investe SP, agências de fomento santista e estadual.

A coordenadora do InvestSantos, Cláudia Haddad, afirma que a agência, inaugurada no começo do semestre, tem o petróleo e gás com uma das prioridades de atração de investimentos (os outros são Porto e tecnologia da informação e comunicação).

Ela conta que a agência levanta terrenos e galpões que possam ser utilizados por empresas que se instalem na região. Além disso, afirma ela, diversas secretarias municipais passaram a atuar em conjunto para acelerar o trâmite de futuros projetos.

No momento, não há proje-

Rio de Janeiro

O Rio de Janeiro é hoje o estado que domina os negócios de petróleo. Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul atraíram projetos por meio de incentivos fiscais.

tos do setor de petróleo e gás. Ela conta que a Prefeitura chegou a receber algumas consultas de empresas interessadas em investir em Santos, conversas essas que recuam no ano passado, quando as crises política e econômica e a Lava Jato paralisaram os negócios no País.

Já o analista de Investimentos da Investe SP, Thiago Messena, afirma que outros estados são vistos como polos desse setor, mas que

São Paulo também quer crescer nesse segmento.

Desde que o setor começou a crescer logo após o descobrimento de gás natural em águas rasas em 2006 e depois petróleo no pré-sal, o Rio de Janeiro centralizou os investimentos.

Outros estados, como Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul também atraíram recursos, basicamente via incentivos fiscais e estímulo do governo com a construção de plataformas e sondas no País, estratégia que fracassou enquanto política estatal de investimento.

São Paulo tem sua força na indústria que fornece equipamentos e tubos para o setor. Essas empresas – metalúrgicas que já produziam para outros setores da economia – estão espalhadas entre a Capital e Interior.

Investimento é vital, dizem especialistas

■ Há anos economistas e lideranças empresariais da Baixada Santista defendem a instalação da base offshore do pré-sal como essencial para a economia da região.

O empreendimento, porém, nunca se concretizou devido à forte concorrência do Rio de Janeiro, onde o setor de petróleo se instalou há 40 anos para a exploração da Bacia de Campos e tem toda a infraestrutura montada.

Por outro lado, a Petrobras já afirmou que precisará de uma base na Baixada Santista para atender o aumento da demanda devido à inauguração de dezenas de plataformas de exploração do pré-sal.

Outro fator decisivo que adia a instalação de uma base na região é a crise da Petrobras, que atrasou seus investimentos na Bacia de Santos ou mesmo revisou a prioridade de vários projetos.

Determinada a enxugar seus gastos, a estatal prefere utilizar ao máximo a estrutura que tem no momento.

Por exemplo, a empresa pretendia utilizar três torres na sede regional do Valongo, em Santos. Apenas uma está ocupada e não há previsão para a construção das outras duas pelo menos até 2021, segundo o gerente de Operações da petrolífera, Márcio Paulo Naumann, afirmou nesta semana.